



## Introdução a Missões Urbanas - Parte II

### A cidade na Bíblia

*Dr. Samuel Ulisses de Castro Marinho*

#### **A) AS PRIMEIRAS CIDADES DO ANTIGO TESTAMENTO**

Das primeiras cidades de que se tem notícia na Bíblia, destaca-se a cidade chamada Enoque, edificada por Caim (Gênesis 4), e também, Babel (Gênesis 11), edificada por Ninrode. Estas cidades são retratadas como sendo fruto de um projeto humano, em que seus fundadores não tinham intenção de glorificar a Deus, apenas trazer fama para si. Segundo Barro (2000, p.38), “as primeiras cidades mencionadas na Bíblia têm um começo terrível.”

#### **B) OS CONSTRUTORES: CAIM E NINRODE**

A primeira cidade da Bíblia é descrita por Ellul (1993, p.5) como sendo “consequência direta do ato assassino de Caim e da sua recusa de aceitar a proteção de Deus,” pois a cidade que construiu serviu-lhe de abrigo, e por isso, sua cidade passou a ser classificada como sendo fruto não da criação de Deus, mas sim, de ação e intenção humana.

Hoffmann (2007, p. 35) falando a respeito deste assunto diz que “a narrativa bíblica apresenta o surgimento da primeira cidade vinculada ao contexto de violência, medo, fuga e a necessidade de abrigo, de segurança e de conforto.”

Bakke (1997, p. 39-40), analisando a atitude de Caim, diz que ele buscava, na cidade, compensar o “companheirismo com Deus,” pois, ao romper o relacionamento com Deus, ele segue em busca de um substitutivo. O que se percebe é que não há em Caim nenhuma intenção altruísta, pois, na verdade, ele constrói sua cidade tendo como objetivo sua proteção, pois teme possíveis atos de vingança contra sua vida (CONN e ORTIZ, 2001, p. 87- 88).

Nada diferente de Caim, Ninrode, conhecido na narrativa bíblica como sendo um poderoso caçador, construiu as cidades de Babel, Eraque, Acade, Calné, Nínive e Calá (Gênesis 10.9-12), edificou cidades tornando-se poderoso. Ellul (1993, p.13) o descreve como sendo um construtor e conquistador ambicioso e em total rebelião contra Deus.

Das cidades construídas por Ninrode, destaca-se Babel. Ela ficou conhecida nas Escrituras como “cidade de confusão”, pois nela o homem insistiu em seu caminho de pecado, desta vez, coletivamente envolvendo-se em um projeto arrogante e grandioso, buscando auto-suficiência, e por isso alcançaram a reprovação de Deus (VAN GRONINGEN, 2004, p.124).

Frente à tamanha ousadia, o julgamento de Deus provocou uma completa desestruturação social, econômica e política. Carriker a descreve como sendo um projeto humano marcado pelo “desejo de fama e da auto-suficiência arrogante.” (CARRIKER, 1992, p. 39). A intervenção divina revela o juízo e a graça de Deus.

#### **C) SODOMA E GOMORRA**

Registra-se também a existência das cidades de Sodoma e Gomorra e o quanto a promiscuidade se fazia presente em seu dia-a-dia, tanto que o termo Sodoma passou a ser “sinônimo de prática homossexual” (SANTOS, 2006, p.46). Tamanho era o pecado destas cidades que Deus manifestou seu juízo destruindo as duas. Para Campos, “os habitantes de Sodoma e Gomorra eram transgressores das leis morais da Lei de Deus” (CAMPOS, 2001, p. 231).

Bakke, porém, afirma que a razão pela qual Sodoma foi destruída não foi apenas por suas aberrações sexuais, ele aponta para o relato do profeta Ezequiel, que em seu livro no capítulo 16:48-50, revela como se deu a destruição de Sodoma dizendo que “ela e as suas filhas eram arrogantes, superalimentadas e desinteressadas; elas não ajudaram o pobre e necessitado” (BAKKE, 1997, p. 41-42).

Negligenciar órfãos e viúvas é erro grave, ato condenado por Deus nas Escrituras. E é por isso que o profeta Isaías, que profetizou no contexto urbano de Jerusalém e circunvizinhanças, (VAN GRONINGEN, 2004, p.169) denuncia a recusa de Deus em relação aos sacrifícios ofertados pelo povo a Deus, comparando-os aos príncipes de Sodoma e Gomorra, e referindo-se ao repúdio ao estilo de vida nefasto e leviano manifestado no ato de negligenciar órfãos e viúvas, uma vez que, bíblicamente, socorrer órfãos e viúvas revela a verdadeira piedade (Isaías 1.10-17, 23). Conforme afirma Van Groningen (2004, pp.173-174):

As acusações do Deus Yahweh contra seu povo da aliança incluíam todos os aspectos da vida, nos quais as promessas e bênçãos de Yahweh eram ignoradas ou desonradas e, nas quais, estipulações da aliança eram violadas. Como resultado, ao terem abandonado a Yahweh, tendo desprezado aquele que é Santo e tendo dado as costas para ele, Judá provou ser um povo pecador e carregado de culpa. Eram uns bandos de malfeitores, tanto os pais quanto os filhos (1.2a-4). Devido à sua rebelião, sua doença era incurável (1.7-9) e seu país, suas cidades, campos e vinhas se tornariam como Sodoma e Gomorra (1.7-9).

Abraão clama pela graça divina intercedendo pelas duas cidades, porém não havia na cidade dez justos (BAKKE, 1987, p.64). O que ocorreu foi que o Juízo divino destruiu as cidades de Sodoma e Gomorra, e sua graça salvou a Ló e sua família (Gênesis 19.16).

É importante destacar que, ao contrário das cidades de Enoque, Babel, Sodoma e Gomorra, Abraão em sua peregrinação dava nomes às cidades para a glorificação de Deus, a saber: 1) Betel – Gênesis 28.10-22; 2) Berseba – Gênesis 21.22-33; 3) Peniel – Gênesis 32.29-30. Em cada uma dessas cidades ele adorou ao Senhor, reconhecendo-o como Senhor e Soberano.

#### **D) JERUSALÉM VERSUS BABILÔNIA**

A cidade também é retratada sob uma tipologia antitética. No tocante ao sentido, há várias percepções explicativas sobre esta configuração, pois retrata a cidade como símbolo do que é santo ou do que é profano.

Na perspectiva de Comblin (1991, p. 12-13), “as Escrituras falam delas com paixão, com ódio ou com amor.” Segundo Linthicum (1990, p.30), “cada cidade é o lugar de uma grandiosa e contínua batalha entre o Deus de Israel (Javé) e o deus do mundo (Baal, Lúcifer, Satã).”

Santo Agostinho (1990) retrata esta realidade em seu livro “Cidade de Deus”, em que fala sobre a existência de duas cidades: a celestial e a terrena. Embora seja uma defesa filosófica da ortodoxia cristã, em resposta à acusação de que os cristãos foram responsáveis pela queda do império romano, ele também retrata esta dialética.

Na Bíblia, a cidade de Jerusalém e a cidade da Babilônia são apontadas como adversárias. Enquanto Jerusalém é retratada como símbolo de paz, harmonia, unidade, Babilônia é retratada como sendo o oposto (GREENWAY & MONSMA, 2000, 30). Numa dimensão escatológica, Jerusalém personifica a Cidade Santa, a Cidade do Celeste Porvir (Apocalipse 21;22.1-5). Ao passo que a Babilônia não é retratada como sendo uma cidade e sim um sistema global de rebeldia contra Deus (Apocalipse 17.15,18).

Embora esta tendência seja bastante divulgada, no entendimento de Greenway, as cidades não devem assumir esta identificação, pois são, na verdade, fruto da graça comum de Deus (GREENWAY & MONSMA, 2000, 30), e como tal, estão sujeitas a sua vontade.

#### **E) PROFECIAS CONTRA AS CIDADES**

Os profetas também anunciaram sentenças sobre a destruição de famosas cidades do mundo antigo. Tais como: 1) Babilônia: Isaías 13.19-21; Jeremias 51; 2) Damasco: Isaías 17.1; 3) Tiro: Isaías 23; Ezequiel 26 e 28. A exemplo de Tiro, uma das principais cidades-estados dos fenícios, localizada na região do Líbano, era composta de comerciantes náuticos. A Bíblia relata vários acordos religiosos com Israel (2º Samuel 5.11; 1º Reis 5; 9.11-14); 4) Nínive: Naum 1.1; 2.1; 3. O profeta Jonas foi chamado por Deus para pregar nesta cidade, apesar da fuga em direção contrária, Deus intervém e redireciona Jonas a cumprir sua missão em Nínive. Jonas precisou de três dias para percorrer toda a cidade pregando condenação (Jonas 1.2; 3.3). No final, para descontentamento de Jonas, Deus teve misericórdia dos cidadãos de Nínive (Jonas 4).

Com isto vemos os atos divinos se manifestando nas cidades das nações, na instrumentalidade dos profetas, que por sua vez denunciam a ausência de uma ética pessoal e social. Torna-se evidente que as cidades das nações são alvos da justiça e da graça de Deus, e só sobrevivem pela intervenção divina.

#### **F) AS CIDADES NO NOVO TESTAMENTO**

O Novo Testamento possui informações importantes para o entendimento da missão. Verkuyl classifica-o como sendo um livro missionário “do princípio ao fim” (VERKUYL, 1978. p. 101). O próprio Jesus percorreu cidades e povoados. Há também diversas cidades que figuram neste contexto, e em cada uma encontramos a presença de apóstolos em ação missionária, a saber: Jerusalém - Pedro e João (Atos 1 e 2); Samaria - Filipe, Pedro e João (Atos 8); Damasco - Ananias (Atos 9); Cesaréia - Pedro e Cornélio (Atos 10); Antioquia - Barnabé e Saulo (Atos 11). Registra-se que, motivado por este ardor, o apóstolo Paulo, em sua primeira viagem missionária, percorreu as seguintes cidades: Chipre, Panfília, Licaônia (At 13-15); e em sua segunda viagem missionária, as seguintes cidades: Licaônia, território Gálata, Trôade, Macedônia (Filipos, Tessalônica), Atenas, Corinto, retorno a Antioquia, via Éfeso (Atos 16-18); E, em sua terceira viagem missionária, as seguintes cidades: Galácia, Éfeso (mais de 2 anos), Macedônia, inverno em Corinto, retorno a Jerusalém, via Macedônia e Mileto. Cativo em Jerusalém (Atos 19-21).

Portanto, percebe-se que o Novo Testamento é rico em informações relacionadas à missão na cidade.

#### **G) O MINISTÉRIO URBANO DE JESUS**

Jesus inicia seu ministério na Galiléia e nessa região percorre cidades e povoados. Em Mateus 9.35, está registrado: “E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades.” Segundo Tasker, “durante uma longa excursão pregando e curando nas cidades e vilas da Galiléia, Jesus se comoveu profundamente com a condição espiritual do povo. Estavam confusos e desamparados como quem não tem um líder para quem olhar (TASKER, 1991, p.82).

Castro diz que “o texto de Mt 9,35-38 mostra Jesus profundamente envolvido com as situações vivenciadas pelo povo. Percorria todas as cidades e aldeias... não fazendo turismo, mas a serviço do reino de Deus” (CASTRO, 1996, p. 117).

De acordo com o texto, Jesus desenvolveu seu ministério observando os seguintes aspectos: 1º Ensino; 2º Pregação; 3º Cura, com isso ele acabou suprimindo as necessidades físicas, psicológicas e espirituais da população (PADILLA, 1992, p. 34). De fato, o que encontramos aqui é uma síntese do ministério terreno de Jesus. Nele podemos observar o

contexto e o conteúdo de seu ministério urbano, onde ele percorre cidades (Lucas 4.43), prega, ensina e cura (doenças físicas, psicológicas e espirituais). Tais atitudes tornam-se tão eficazes em nossa ação missionária urbana hoje como o foi no ministério urbano de Jesus. A compaixão tornou-se uma poderosa chave para o cumprimento da *missio Dei* na cidade; esta expressão torna-se aqui (v.36) a força motivadora por detrás da ação missionária de Jesus (LEONARD, 2002, p. 212-213).

Ao compadecer-se das multidões, ele as vê como pessoas aflitas, o que na atualidade pode ser entendido como sendo inseguras, deprimidas etc., como pessoas exaustas, que em nossos dias encontrem-se estressadas e desorientadas, sem líderes, sem rumo ou meta na vida (BARRO, 2000, p. 19-29).

Jesus vê as pessoas, não pela mídia escrita, televisada ou radiofônica, ele as vê frente a frente, e o que vê provoca comoção interior. Hoje, para cumprir a missão na cidade, a Igreja deve reproduzir, com fidelidade sem precedentes, a compaixão de Jesus. Pois, sem compaixão, não há missão. Segundo Piper (2001, P. 32-33):

A compaixão de Jesus veio no pedido de oração por mais missionários. Do princípio ao fim, a misericórdia esteve incitando as missões em sua vida. E não somente em vida, mas também em sua morte. “Foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação” (Ap 5.9). A misericórdia era a própria essência da missão de Jesus.

Após constatar a necessidade de trabalhadores, Jesus envia seus discípulos (Mateus 9.37; 10.1). Segundo Greenway, “Jesus desafiou seus seguidores a abrirem os olhos para o tamanho da seara à espera de trabalhadores” (GREENWAY, 2001, p. 52). Uma investigação nos Evangelhos nos permitirá notar e detectar o plano mestre de Jesus (Marcos 10.44-45; João 10.9-10; Lucas 10.10). Isto está claro em seu ministério quando ele rompe as barreiras geográficas (Lucas 4.14-15); sociais (Lucas 7.36; 11.37); culturais e religiosas (Lucas 10.29-37; 7.9), tentando alcançar seres humanos proclamando o reino de Deus.

Segundo Barro, “Ao proclamar o Reino de Deus, Jesus mostrou-nos que o único caminho para que o mundo com seus reinos demoníacos seja transformado é através da mensagem poderosa que penetra, salva, cura, liberta e perdoa” (BARRO, 2002, p. 61).

Sua compaixão também é sentida de forma veemente quando se aproxima de Jerusalém e chora diante da resposta negativa que a cidade dá ao amor de Deus (VAN ENGEN, 1996, p. 90-91). Tasker (TASKER, 1991, p. 173) comentando diz:

Jesus se entristeceu, enchendo-se de patriótico pesar pela incredulidade de seus concidadãos. Ele chorou o malogro deles, não alcançando o seu elevado destino; e evocou as numerosas ocasiões em que quis protegê-los, se tão somente o desejassem, da ira que estava por vir sobre eles na investida das legiões romanas, como uma ave protege os seus filhotes da tempestade que se aproxima.

Segundo Comblin (1991, 35), a fala de Jesus em Mateus 23.37 faz eco com as predições dos profetas. Por isso, é importante destacar que a caminhada de Jesus pelas cidades e povoados da Palestina, objetivando ensinar, pregar o reino de Deus e curar, reflete a compaixão de Jesus.

A cidade deve ser entendida como *a grande seara* carente de misericórdia. A cidade hoje é o lugar onde pessoas do mundo inteiro têm se instalado, e por isso, um bom lugar para se fazer discípulos. Greenway (2001, 52), falando a respeito, diz que “Jesus desafiou seus seguidores a abrirem os seus olhos para o tamanho da seara à espera por trabalhadores. Ele lhes disse para pedirem ao Senhor que enviasse trabalhadores para a sua grande seara.”

Deus está agindo soberanamente na cidade, a igreja deve encarar a urbanização como fruto da *missio Dei*, deve sentir-se encorajada por tão grande oportunidade dada pelo Soberano Deus, encarando o desafio da “grande seara”, do contrário, fracassará em sua ação pastoral em áreas de risco.

## H) A MISSÃO NO MINISTÉRIO DO ESPÍRITO SANTO

A promessa contida em Atos 1.8, e concretizada em Atos 2, revela o papel do Espírito Santo na obra missionária; através desta capacitação, a igreja cumpriu sua missão com eficácia, nas cidades e povoados do mundo, por isso, é possível entender as palavras de Neill ao dizer que “a igreja da primeira geração cristã era do tipo genuinamente missionária” (NEILL, 1997, p. 24), pois a mesma contava com a ação poderosa do Espírito Santo.

Greenway (2001, p. 66) define o Espírito Santo como sendo “um Espírito missionário que deseja trazer de volta para casa os filhos perdidos de Deus”. Segundo Blauw (1966, p. 90), é o Espírito Santo que “garante o poder da vida na Igreja, a presença de Deus no mundo e a publicação do Evangelho”. Seguindo este mesmo pensamento, Carriker o descreve como sendo “catalisador e a força guiadora da missão expansiva da comunidade” (Carriker, 1992, p. 210).

Não é possível conceber missão da Igreja sem a ação do Espírito Santo, pois o mesmo é “a força motriz da *missio Dei*” (PINO, 2004, p. 38). Kuiper (1976, p. 12) o apresenta como sendo autor da evangelização, conforme afirma:

O Espírito Santo vocaciona os evangelistas para a obra que devem realizar, e os guia na sua realização. Na era apostólica, ele os chamou e os guiou mediante revelação especial. À igreja de Antioquia da Síria, “disse o Espírito Santo: Separai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado” (Atos 13.2). E Lucas relata que Paulo e seus auxiliares foram “impelidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na Ásia” e que “o Espírito Santo não lhe permitiu” ir para a Bitínia, encaminhando-os à Macedônia por meio de uma visão sobrenatural (Atos 16.6-9).

Assim, em uma área de risco, a igreja só obterá sucesso se entender a importância do Espírito Santo para missões urbanas, como autor, capacitador e guia por entre morros, ruas e travessas.

## I) O MINISTÉRIO URBANO DE PAULO

Paulo se tornou apóstolo no momento em que se encontrou com Jesus (Atos 9); deste dia em diante passou a pregar o evangelho de Cristo nas principais províncias urbanas do Império Romano. Segundo afirma Carriker (1992, p. 221):

Paulo não é a única nem a primeira pessoa a anunciar o evangelho para não-judeus. A atividade missionária cristã já havia se espalhado pelo menos até Roma antes de Paulo. Nem criou a pregação missionária da igreja primitiva, mas recebeu-a tanto da antiga tradição cristã quanto do próprio judaísmo. Mesmo assim, a importância de Paulo para a teologia bíblica de missão dificilmente pode ser exagerada, pois ele é quem dá a apresentação mais profunda e sistemática duma perspectiva universal da missão cristã.

Paulo não só focou atenção ao contexto urbano de sua época, como de fato foi um apóstolo urbano, pois, segundo Meeks (1992, p. 21), “Paulo era uma pessoa da cidade. A cidade transparece em sua linguagem”. Para Barro (2000, p. 40), o apóstolo Paulo deixa transparecer em suas correspondências a sua urbanidade, conforme afirma: “nas cartas de Paulo, vemos como característica de seu ministério urbano, para melhor propagação do evangelho, a escolha dos centros mais importantes e influentes de sua época”.

Assim, o ministério do apóstolo Paulo é marcado pela sua estratégia de alcançar os centros urbanos; neste aspecto, Paulo era implacável. Segundo Neill, “Paulo elaborou uma estratégia correta” (NEILL, 1997, p. 31). Comentando sobre a estratégia missionária de Paulo, Bosch (2002, p. 167) afirma:

Ele se concentra nas capitais de distritos ou províncias, cada uma das quais representa toda uma região: Filipos representa a Macedônia (Fp 4.15), Tessalônica, a Macedônia e Acaia (1 Ts 1.7s.), Corinto, a Acaia (1 Co 16.15; 2 Co 1.1), e Éfeso, a Ásia (Rm 16.5; 1 Co 16.19; 2 Co 1.8).

Green concorda com o que expõem Meeks, Barro, Neill e Bosch, no que diz respeito ao ministério urbano do apóstolo Paulo. Segundo Green (1984, p. 319), o apóstolo Paulo tinha como objetivo anunciar o evangelho em “lugares-chaves do império”. Conforme afirma Lopes (1997, p. 12):

Paulo percorria as estradas romanas anunciando o Evangelho e organizando os discípulos nas principais cidades das províncias imperiais, que eram centros estratégicos. Ele estava

movido pela urgência da convicção de que o reino de Deus havia raiado e a vinda do Senhor Jesus era iminente, de que o Evangelho deveria ser pregado a todas as nações e ele tinha pouco tempo para fazer isso.

De fato, o apóstolo Paulo teve um relevante papel no palco das missões. Referindo-se a ele, Tucker (1996, p. 28-29) afirma: “o apóstolo Paulo indiscutivelmente mantém o lugar de maior missionário da primeira Igreja”. Embora não seja o único apóstolo aos gentios, tornou-se o mais preeminente. Sua intenção era pregar o evangelho de Cristo em todas as províncias do grande império romano (Rm 15.19-20; 22-24).

Segundo Bosch (2002, p. 167), Paulo escolhia uma determinada área urbana, nela lançava os fundamentos da fé cristã, que a partir daquela acreditava ele que esta área se tornaria um pólo irradiador do evangelho a outras regiões circunvizinhas.

Cairns (1995, p. 52) também destaca a estratégia paulina para propagar, a partir de novas áreas, dizendo que o apóstolo Paulo “sempre começava seu trabalho numa nova área na cidade mais estrategicamente localizada e usava os convertidos para levar a mensagem às cidades e regiões adjacentes”. Com isso, torna-se conhecida a ousadia e intrepidez de um homem desafiado a obedecer e cumprir seu chamado, conforme exemplifica Green (1984, p. 318): “... ele só tinha uma vida, e estava decidido a usá-la o máximo possível, tirando dela o melhor proveito no serviço de Jesus Cristo. Sua visão era ao mesmo tempo pessoal, urbana, provincial e global.” Portanto, o estilo de vida do apóstolo Paulo, ardor e dedicação ganhavam configurações que definiam sua estratégia. Segundo Hesselgrave (1995, p. 39), existem elementos-chaves no plano estratégico de Paulo, que é classificado da seguinte forma:

- (1) Os Missionários Comissionados – Atos 13.1-4; 15.39,40.
- (2) O Auditório Contatado – Atos 13.14-16; 14.1; 16.13-15.
- (3) O Evangelho Comunicado – Atos 13.17ss; 16.31.
- (4) Os Ouvintes Convertidos – Atos 13.48; 16.14,15.
- (5) Os Crentes Congregados – Atos 13.43.
- (6) A Fé Confirmada – Atos 14.21, 22; 15.41.
- (7) Os Líderes Consagrados – Atos 14.23.
- (8) Os Crentes Recomendados – Atos 14.23; 16.40.
- (9) Os Relacionamento Continuados – Atos 15.36; 18.23.
- (10) As Igrejas Missionárias Convocadas – Atos 14.26, 27; 15.1-4.

Com isso, Hesselgrave (1995, p. 39) descreve que o ministério do apóstolo Paulo é identificado a partir destes 10 passos. Embora considere que a aceitação desta sistematização tenha críticas e adesões, considera-a satisfatória e relevante para o desenvolvimento missionário.

Na verdade, o apóstolo Paulo encara a missão nos centros urbanos do mundo de sua época com um único propósito, que não é outro senão proclamar o Jesus crucificado e ressuscitado como o Cristo, Salvador e Redentor (Romanos 1.4; 1ª Coríntios 1.23s).

Em cada uma dessas cidades, enfrentou muitos adversários (BRUCE, 2003, p. 279) que o colocaram em situação de perigo e violência, a exemplo de seu apedrejamento em Listra (Atos 14.19); sua prisão e açoites em Filipos (Atos 16. 22-24), fato que expressa seu envolvimento com o sofrimento de Cristo. Conforme afirma Bosch (2002, p.222):

Paulo traz em seu corpo “as marcas de Cristo (Gl 6.17), adquiridas como servo de Cristo (cf. 2 Co 11.23-28). Ele compartilha os sofrimentos de Cristo (2 Co 1.5) e preenche em sua carne “o que resta das aflições de Cristo a favor de seu corpo, que é a igreja” (Cl 1.24). Sim, ele carrega em seu corpo a morte de Jesus; a morte opera nele, mas a vida as pessoas que chegaram à fé através delas (2 Co 4.9,12). Se é atribulado, então o é para a salvação delas (2 Co 1.6). Quase no final de 2 Coríntios, ele o reitera com outras palavras: “Ficarei contente em gastar tudo o que tenho, e até a mim mesmo para ajudá-los também” (12.15 [BLH]).

O que faz do apóstolo Paulo um extraordinário missionário urbano é que, em sua filosofia ministerial, ele proclamava o evangelho de Cristo positivamente, organizando igrejas, capacitando sua liderança, doutrinando-as e pastoreando-as através de ensinamentos presenciais ou por correspondência.

O alvo do apóstolo Paulo era alcançar pessoas de todas as nacionalidades (Romanos 1.16), por isso, usava sua identidade judaica (Filipenses 3.5), bem como seu título de cidadão romano (Atos 22.27-29), para cumprir seu intento, tendo como escopo missionário todas as cidades do mundo de sua época (CONN e ORTIZ, 2002, p. 140).

## J) CONCLUSÃO

A partir dos fundamentos bíblicos, é possível refletir sobre como as cidades, no Antigo e Novo Testamentos, foram alvos do Juízo e da Graça de Deus. Viu-se que as mesmas não foram rejeitadas por Deus, nem muito menos definidas como sendo profanas ou sagradas, destacando que as cidades são alvos da Providência Divina, palco da graça comum, razão pela qual deve a igreja, submissa a *missio Dei*, cumprir seu papel missional.

#### Bibliografia:

AGOSTINHO, Santo. *A cidade de Deus*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1990.

BAKKE, Ray. *A theology as big the city*. Downers Grove: InterVarsityPress, 1997.

\_\_\_\_\_. *The urban christian – Effective ministry in today’s urban world*. Downers Grove, Illinois: Intervarsity Press, 1987.

BARRO, J. Henrique. *Ações pastorais da igreja com a cidade*. Londrina: Descoberta, 2000.  
\_\_\_\_\_. *De cidade em cidade: elementos para uma teologia bíblica de missão urbana em Lucas-Atos*. Londrina. Descoberta. 2002.

BLAUW, J. *A Natureza missionária da Igreja*. São Paulo: Editora ASTE, 1966.

BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo – RS: Sinodal, 2002.

BRUCE, F. F. *Paulo: O apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia*. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.

CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CAMPOS, Carlos Heber. *O ser de Deus e suas obras: a providência e a sua realização histórica*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001.

CARRIKER, C. Timóteo. *Missão integral. Uma teologia bíblica*. São Paulo: Editora SEPAL, 1992.

CASTRO, Clovis Pinto. *A cidade é minha paróquia*. São Bernardo do Campo-SP: Editeo, 1996.

COMBLIN, J. *Teologia da Cidade*. São Paulo: Paulinas, 1991.

CONN, Harvie, M. & ORTIZ, Manuel. *Urban ministry: the kingdom, the city, and the people of God*. InterVarsity Press, 2001.

CONN, Harvie M. and others. Edited by Ortiz, Manuel and Baker, Susan. *The urban face of mission: ministering the gospel in a diverse and changing world*. Phillipsburg – New Jersey: Publishing, 2002.

ELLUL, Jacques. *The meaning of the city*. Grand Rapids: Eerdmans, 1993.

GREEN, Michael. *Evangelização na igreja primitiva*. São Paulo: Vida Nova, 1984.

GREENWAY, Roger S. And MONSMA, Timothy. *Cities: missions’ new frontier*. 2nd ed. Grand Rapids, Michigan: Baker Books, 2000.

GREENWAY, Roger S. *Ide e fazei discípulos*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001.

CAMPOS, Héber Carlos de *O Pluralismo do Pós-Modernismo*. Fides Reformata II:1 (Janeiro/Junho 1997)

HESSELGRAVE, David J. *Plantar Igrejas: Um guia para missões nacionais e transculturais*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

HIEBERT, Paul G. *O evangelho e a diversidade das culturas – Um guia de antropologia missionária*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.

HOFFMANN, Arzemiro. *A cidade na missão de Deus: o desafio que a cidade representa para a Bíblia e à missão de Deus*. Série Parceria na Missão de Deus. São Leopoldo: Editora Sinodal/CLAI/Encontro Publicações, 2007.

KUIPER, R. B. *Evangelização teocêntrica*. São Paulo: Editora PES, 1976.

LINTHICUM, Robert C. *A transformação da cidade: Teoria e prática da evangelização urbana*. Belo Horizonte - MG: Missão Editora, 1990.

LOPES, Augustus Nicodemus. *Paulo, plantador de igrejas: repensando fundamentos bíblicos na obra missionária*. In: *Fides Reformata*. Volume II - Número 2 - Julho-Dezembro 1997.

MEEKS, Wayne A. *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

NEILL, Stephen. *História das Missões*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

PADILLA, Rene C. *Missão Integral. Ensaios sobre o reino e a igreja*. São Paulo: FTL-B e Temática, 1992.

PINO, Carlos del. *O evangelho para o mundo: missão para o mundo em sofrimento*. Goiânia-GO: Editora Logos, 2004.

PIPER, John. *Alegrem-se os povos: a supremacia de Deus em missões*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001.

SANTOS, Valdeci S. *Uma perspectiva cristã sobre a homossexualidade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

TASKER, R. V. G. *Mateus: introdução e comentário*. São Paulo: Editora vida Nova, 1991.

TUCKER, Ruth A. *Até aos confins da terra: uma história bibliográfica das missões cristãs*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1996.

VAN GRONINGEN, Gerard. *Criação e consumação: o reino, a aliança e o mediador – Volume II*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

VERKUYL, J. *Contemporary missiology*. Grand Rapids: Eerdmans, 1978.

## Rev. Samuel Ulisses de Castro Marinho

Ordenado em 18/12/92, pelo Presbitério Magé (RJ). Pastor da IP Barro Vermelho, em São Gonçalo, e membro do Presbitério. Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano do Rio de Janeiro, em 1992. Mestre em Teologia Pastoral, com área de concentração em Missiologia, pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, em 2001. Doutorando em Ministério pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper/Reformed Theological Seminary (Mississippi, EUA). Professor do Seminário desde 2000, lecionando atualmente as disciplinas de História da Igreja, Evangelização, História das Missões e Missões Urbanas.



Endereço: Rua Joaquina Rosa, 199 - Méier - Rio de Janeiro - RJ - Cep. 20.710-080 - Brasil  
E-mail: [secretaria@seminariosimonton.com](mailto:secretaria@seminariosimonton.com) | Site: [www.seminariosimonton.com](http://www.seminariosimonton.com)  
Telefone: (21) 2201 6734 | Fax: (21) 2581 6958